

«Fratelli tutti» – Para uma leitura da encíclica do Papa Francisco

Uma nova «Pacem in terris»

MASSIMO BORGHESI

«Fratelli tutti», a encíclica que acaba de ser publicada, deve ser lida com atenção para ser entendida corretamente. Com efeito, o risco é a banalização mediática que, concentrando-se em dois ou três pontos, reduz o documento a uma série de intenções piedosas. Antes de mais, trata-se de definir o horizonte no qual se situa: o de um mundo que corre rumo a destinos de guerra. Os Papas não escrevem encíclicas sobre a fraternidade para uma terra tranquila. Com a crise dos mísseis em Cuba aproximou-se a terceira guerra mundial, e foi neste contexto que João XXIII publicou a *Pacem in terris*. Hoje felizmente, não é esse o caso. E no entanto é inegável que a crise da globalização, o confronto cada vez mais insistente entre os blocos (EUA, China, Rússia), as guerras contínuas travadas através de meios interpostos, o terrorismo religioso, etc., modelam um mundo altamente instável, pronto a desencadear em chamadas. A isto acrescentam-se as grandes disparidades económicas, a tragédia da Covid com as suas repercussões nos países mais pobres, a imigração. A mudança de época vê, depois de 1989, o desmoronamento progressivo dos muros e contrapesos que a humanidade implementou após a imensa tragédia da segunda guerra mundial: os grandes organismos internacionais, a carta dos direitos universais, o processo de unificação europeia. Tudo se decompõe: a ONU, a UE, a ligação entre os EUA e a Europa, enquanto o relativismo cultural tende a exaltar o particularismo e o isolacionismo. O espírito do tempo traz novamente à tona o maniqueísmo nas suas duas formas: político-económica e religiosa. Por toda a parte voltam a levantar-se barreiras, antigas desconfianças, velhos nacionalismos.

Foi neste contexto que Francisco lançou o sonho de uma fraternidade renovada entre povos e pessoas: fraternidade religiosa, política, económica, social. Um sonho semelhante ao de Martin Luther King, cujo nome é mencionado no final, com São Francisco, Gandhi, Desmond Tutu, Charles de Gaulle: *I have a dream*. Não se trata de uma cedência ingénua ao espírito da utopia, ao filantropismo humanitário, como reclamam os críticos do Papa. Francisco é um realista que conhece perfeitamente a crítica de Santo Agostinho à teologia política, à confusão entre o Reino de Deus e o reino dos homens. Mas é um realista que sabe que o realismo, se não quiser ser cínico, deve ir além, deve arriscar um projeto ideal, deve abrir-se à espe-

rança. O cristão é um homem de esperança, não de resignação. O realismo autêntico é o real-idealismo. É por isso que hoje *Fratelli tutti* representa uma poderosa rocha no pântano das ideias, da política, de uma fé estagnada.

A encíclica é dirigida a todos – «Fratelli tutti» – mas é inegável que entre os primeiros destinatários estão os cristãos, em particular os católicos. Muitos deles, longe de ser protagonistas da mudança, são parte do problema de hoje, parte deste maniqueísmo político-religioso que caracteriza o momento presente. Também eles participam, muitas vezes sem ter consciência disto, no grande vento da história. Nos anos 70, o vento soprava à esquerda, ao encontro e à subordinação do cristianismo ao marxismo. A partir da queda do comunismo, o espírito do mundo vira à direita. Assim, neste momento, face a uma globalização económica abstrata e frequentemente violenta, dominada por um neocapitalismo sem escrúpulos, há a reação populista, o ressurgimento de nacionalismos político-religiosos, a territorialização da religião reduzida a um fator étnico. Há fundamentalismo e terrorismo em nome de Deus.

Fratelli tutti começa a partir do grande Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum, de fevereiro de 2019, assinado em Abu Dhabi com o Grão-Imã de al-Azhar, Ahmad al-Tayyeb. Aprofunda-o em todas as suas implicações, propondo-o ao mundo como o ideal para o momento presente. Da fraternidade religiosa pode surgir uma fraternidade universal, um movimento de paz capaz de atravessar povos e nações. Isto só pode ser acompanhado por uma revolução cultural, por uma “nova cultura”, a cultura do encontro. Uma cultura «que supere as dialéticas que colocam um contra o outro. É um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matices, porque “o todo é superior à parte”. O poliedro representa uma sociedade onde as diferenças convivem integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente» (n. 215). Trata-se de afirmações – o poliedro, o todo é superior à parte – que estavam no centro do pensamento de Bergoglio, ainda antes que se tornasse Papa. Deste ponto de vista, a encíclica pressupõe uma base cultural específica, que sustenta o desígnio da fraternidade.

Os capítulos III e IV, dedicados à abertura ao mundo e ao coração, pressupõem uma antropologia relacional que une personalismo e pen-



A instalação feita no ano passado em Berlim no trigésimo aniversário da queda do Muro

samento dialógico. Três pensadores, Georg Simmel, Gabriel Marcel e Paul Ricoeur, mencionado duas vezes, são chamados a apoiar esta perspectiva. Do mesmo modo, revela-se fundamental a antropologia polar de Romano Guardini, presente em várias partes do documento. É a antropologia polar que permite alertar contra as falsas “polarizações” atuais, o contraste entre uma globalização liberalista, falsamente universalizante, e um populismo particularista que falsifica o conceito de povo. Segundo Francisco, a lei da polaridade une e distingue o universal do particular, reconhecendo a sua antinomia, a sua complementaridade na diferença. Propõe-se como solução, a nível teórico, das ferozes oposições do presente.

Uma última observação que permite evitar leituras apressadas e equívocas. A encíclica responde também àqueles que, nos últimos anos, acusaram o Papa de filantropismo, irenismo, humanismo, de ter separado Misericórdia e Verdade. É bom que comecem a ler o documento a partir dos últimos capítulos, do sexto em diante. Aqui, segundo a *Caritas in veritate*, de Bento XVI, é possível observar uma firme ancoragem do diálogo na ideia de verdade. Uma verdade objetiva, a única que permite o reconhecimento racional de uma natureza humana única e universal, em oposição ao relativismo dominante na cultura atual. Verdade, justiça e misericórdia não podem ser separadas. Assim o Papa responde aos seus críticos de direita que, a partir da *Amoris laetitia*, não cessaram de o atacar. Uma resposta que não hesita, no capítulo oito, de-

dicado ao diálogo entre as religiões, em citar o “texto memorável” da *Centesimus annus*, de João Paulo II: «Se não existe uma verdade transcendente, na obediência à qual o homem adquire a sua plena identidade, então não há qualquer princípio seguro que garanta relações justas entre os homens» (n. 273). Que não hesita, sobretudo, em salientar que a identidade cristã constitui um fator essencial no diálogo fraternal com todos. Por isso, embora apreciando a ação de Deus noutras religiões, «todavia, como cristãos, não podemos esconder que, “se a música do Evangelho parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação que encontra a sua fonte na constatação de saber que somos sempre perdoados-enviados. Se a música do Evangelho cessar de repercutir nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafiava a lutar pela dignidade de todo o homem e mulher”. Outros bebem de outras fontes. Para nós, este manancial de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo» (n. 277).

O sonho do Papa Francisco de uma nova fraternidade, num mundo despedaçado, afunda as suas raízes na «música do Evangelho», no «Evangelho de Jesus Cristo». *Fratelli tutti* dirige-se a toda a humanidade, mas não esquece a raiz da esperança. É bom que os críticos do Papa saibam isto e leiam o texto com atenção.